

Teologia das Religiões



Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marcal Ribeiro
(Organizadores)

Teologia das Religiões

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T314 Teologia das religiões [recurso eletrônico] / Organizadores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marcal Ribeiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-068-1

DOI 10.22533/at.ed.681192401

1. Religião. 2. Teologia – Estudo e ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Ribeiro, Paulo Rennes Marcal.

CDD 200.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Sonhos se constroem com várias mãos”. Assim nasceu esse trabalho. Assim nascem os projetos de Solange Monteiro e Paulo Rennes. Assim se fertilizam em nós os seus sonhos. Assim se tecem as malhas de que é composto este todo universo da Diversidade. As questões que nos inquietam, os dilemas que nos afligem, os paradigmas que nos desafiam em práticas acadêmicas, docentes, constantes, se imbricam no amálgama pulsante desta obra que visa, acima de tudo, “desacomodar”. Pois que tudo que pulsa é vivo, está imerso na dinâmica do que se transforma, no impulso do que se recria, na ânsia do que se reinventa. Esta a matéria de que se alimenta essa reunião de pensamentos, essas vozes que se encontram, esses fios que se comungam em discussões teóricas. Desacomodar diante de tudo que não é “deslimite”, como diria Manoel de Barros. Trazer ao centro das discussões tudo que possa ter ficado à margem, de alguma forma. Questões relativas à religião, identidade, cultura, formação, representatividade, alienação, persuasão, silenciamento, subalternidade, apropriação, resistência. Assim é que o primeiro artigo deste livro, de autoria Edson Munck Junior Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora **“Vim para sofrer as influências do tempo / E para afirmar o princípio eterno de onde vim”**: a resignificação do sagrado em Murilo Mendes. O objetivo do trabalho é o de contribuir para o debate pertinente a obra poética *Tempo e eternidade*, publicada por Murilo Mendes em 1935, pode ser lida como promotora de diálogo entre o modernismo e a tradição bíblico-cristã. O livro, elaborado em parceria com o poeta Jorge de Lima, tinha, em sua primeira edição, a epígrafe “restauraremos a Poesia em Cristo”. No artigo **A Doutrina da Salvação no Brasil e a Violência Contra a Mulher e Os Direitos Humanos**, autora pretende demonstrar que nas matrizes mentais do pensamento vigente brasileiro existe uma influência teológica visibilizadas em imagens e em crenças, e que essas representações, além de serem extremamente violentas, revelam dois paradigmas cunhados na história do cristianismo e recriados na colonização do Brasil pela América Portuguesa. Os temas polêmicos também estão presentes no artigo, a Imprudência de Moisés, uma Reflexão a Partir de Números 20.2-13. Com o objetivo de vislumbrar qual teria sido a atitude que Moisés praticou, que o impediu de entrar na Terra Prometida de Reginaldo Pereira de Moraes Faculdades Batista do Paraná, PPG Teologia (Mestrado Profissional) Curitiba – Paraná. **No Artigo “a Influência dos Movimentos Sociais na Formação da vontade do Estado Brasileiro e na Promoção dos Direitos Humanos** das autoras de Rosângela Angelin e Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa, aborda o tema *Direitos Humanos e Movimentos Sociais no Brasil*, tendo como parâmetro indagar acerca da influência dos movimentos sociais na formação da vontade do Estado brasileiro e na consequente promoção dos direitos humanos. **No artigo A questão Fenomênica da Morte e a Possibilidade de uma Fenomenologia do Morrer nas Ciências das Religiões** de autoria de Ana Cândida Vieira Henriques, a autora pretende expor os

diferentes conceitos de morte, visto que o termo se reveste de vários significados, com o intuito de que essa distinção possa nos fornecer subsídios suficientes para pensar numa fenomenologia do morrer no âmbito das Ciências das Religiões. Arraias – TO e a Festa de Nossa Senhora das Candeias: Aspectos Histórico-Devocionais de autoria de Joaquim Francisco Batista Resende, descreve a história da cidade e sua correlação com a vivência da fé cristã a partir desse festejo. Relatar-se-á historicamente a devoção, numa retrospectiva dentro da história da Igreja do Brasil e sua inserção na vida da comunidade. No artigo **Campanhas da Fraternidade Ecumênicas: Espaço para a Convivência Ecumênica de Crianças, Adolescentes e Jovens** dos autores Luís Felipe Lobão de Souza Macário CEM Joana Benedicta Rangel / CE Elisiário Matta Maricá/RJ, sobre as campanhas da fraternidade ecumênicas realizadas nos anos de 2000, 2005 e 2010, utilizando como principais fontes de pesquisa seus respectivos manuais para, através de uma leitura crítica, destacar sua origem, sua organização, seus objetivos gerais e específicos, assim como o desenvolvimento de seus temas. No artigo **Os Sentidos para Confissão Católica no Discurso do Papa Francisco**, dos autores Heitor Messias Reimão de Melo, Letícia Jovelina Storto, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro os autores procuram analisar a ressignificação das questões doutrinárias e do sacramento da confissão, buscando (des)construir o discurso religioso. Para isso, está fundamentada em Brandão (2004), Orlandi (2015a, 2015b, 2005, 2001), Lagazzi (1988) e Chauí (1984). **Descalça-te, a Terra é Sagrada: A Hermenêutica de Luís da Câmara Cascudo Na História Bíblica Do Êxodo 3:5.** de autoria Erielton de Souza Martins, este artigo relata artigo relata sobre o gesto simples de Moisés ao retirar as sandálias para adentrar num lugar sagrado, sinal este que perdura em algumas culturas há milênios. No artigo o **Hibridismo Religioso: As Tradições Católicas, Afro-Brasileiras e o Espiritismo** de autoria de Eroflim João de Queiroz, o autor investigar nas tradições religiosas católicas e afro-brasileiras a influência do hibridismo religioso nos elementos apropriados pela doutrina Kardecista para sua configuração no Recife. No artigo **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas**, o autor Anderson Fernando Rodrigues Mendes Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), e suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo O Filho e o Espírito Santo, de autoria de Aurea Marin Burocchi. A autora busca realizar uma aproximação do Espírito Santo da vida cotidiana dos homens e das mulheres de hoje, favorecendo a riqueza do viver a comunhão da vida trinitária. **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas, de autoria de** Anderson Fernando Rodrigues Mendes, que investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), bem como suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo **O Livro de Ester: Análise do Livro A partir da Teoria da Enunciação e Sua Contribuição para Compreensão da**

História, de autoria de João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues, o autor busca mostrar não neutralidade a linguagem, marcada pelas influências que recebemos e por como o outro a acolhe. No artigo **Os fundamentos e missão da pastoral do meio ambiente** de autoria de Ulysses Gusman Júnior, aborda sobre o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe apresenta-nos a necessidade do cuidado com a criação, lembrando que a criação é manifestação do amor providente de Deus.

No artigo religião e Esfera Pública: Os Riscos da Violação de Neutralidade do Estado Laico de autoria de Sérgio Murilo Rodrigues, aborda as duas teses centrais de Carl Smith em *Politische Theologie* (1922) são: “soberano é quem decide sobre o estado de exceção” e “todos os conceitos expressivos da doutrina do Estado moderna são conceitos teológicos secularizados”. **Religião e Religiosidade entre os Imigrantes Japoneses no Rio Grande Do Sul: Diálogos Culturais entre Brasil e Japão dos autores Tomoko Kimura Gaudioso e André Luis Ramos Soares**, o trabalho busca apresentar as adaptações, remanejamento e práticas religiosas percebidas entre os imigrantes japoneses residentes na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Sujeito de Direitos Humanos, Sujeito da Cultura Hebraica e Sujeito em Alain Touraine: Interfaces, o autor** Noli Bernardoahn procura-se demonstrar interfaces possíveis entre a compreensão de Alain Touraine sobre sujeito e ator/atriz social, o sujeito profético da cultura hebraica, especificamente a partir do livro bíblico de Miquéias 3,8, e o sujeito de direitos humanos, compreendendo-o situado espacial e temporalmente. No artigo **UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR**, o autor Rômulo Anderson Matias Ferreira, investiga a relação íntima com a corporeidade até o ponto de não poder prescindir dela. A partir da definição de saúde pela Organização Mundial de Saúde, é cada vez mais pacífico que a saúde é uma realidade multidimensional, fazendo surgir a necessidade de compreensão dos aspectos que a compõem.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	10
“VIM PARA SOFRER AS INFLUÊNCIAS DO TEMPO / E PARA AFIRMAR O PRINCÍPIO ETERNO DE ONDE VIM”: A RESSIGNIFICAÇÃO DO SAGRADO EM MURILO MENDES	
Edson Munck Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6811924011	
CAPÍTULO 2	17
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO NO BRASIL E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E OS DIREITOS HUMANOS	
Claudete Ribeiro de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.6811924012	
CAPÍTULO 3	28
A IMPRUDÊNCIA DE MOISÉS, UMA REFLEXÃO A PARTIR DE NÚMEROS 20.2-13	
Reginaldo Pereira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.6811924013	
CAPÍTULO 4	40
A INFLUÊNCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA VONTADE DO ESTADO BRASILEIRO E NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS	
Rosângela Angelin	
Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.6811924014	
CAPÍTULO 5	56
A QUESTÃO FENOMÊNICA DA MORTE E A POSSIBILIDADE DE UMA FENOMENOLOGIA DO MORRER NAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	
Ana Cândida Vieira Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.6811924015	
CAPÍTULO 6	69
ARRAIAS – TO E A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS: ASPECTOS HISTÓRICO-DEVOCIONAIS	
Joaquim Francisco Batista Resende	
DOI 10.22533/at.ed.6811924016	
CAPÍTULO 7	75
SENTIDOS PARA CONFISSÃO CATÓLICA NO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO	
Heitor Messias Reimão de Melo	
Letícia Jovelina Storto	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6811924017	
CAPÍTULO 8	86
CAMPANHAS DA FRATERNIDADE ECUMÊNICAS: ESPAÇO PARA A CONVIVÊNCIA ECUMÊNICA DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS	
Luís Felipe Lobão de Souza Macário	
DOI 10.22533/at.ed.6811924018	

CAPÍTULO 9	95
DESCALÇA-TE, A TERRA É SAGRADA: A HERMENÊUTICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO NA HISTÓRIA BÍBLICA DO ÊXODO 3:5.	
Erielton de Souza Martins	
DOI 10.22533/at.ed.6811924019	
CAPÍTULO 10	102
HIBRIDISMO RELIGIOSO: AS TRADIÇÕES CATÓLICAS, AFRO-BRASILEIRAS E O ESPIRITISMO	
Eroflim João de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.68119240110	
CAPÍTULO 11	113
MORTE E MEDO: COMPREENDENDO A FINITUDE HUMANA A PARTIR DE LEVINAS	
Anderson Fernando Rodrigues Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.68119240111	
CAPÍTULO 12	121
O FILHO E O ESPÍRITO SANTO	
Aurea Marin Burocchi	
DOI 10.22533/at.ed.68119240112	
CAPÍTULO 13	137
O LIVRO DE ESTER: ANÁLISE DO LIVRO A PARTIR DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA	
João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240113	
CAPÍTULO 14	144
OS FUNDAMENTOS E MISSÃO DA PASTORAL DO MEIO AMBIENTE	
Ulysses Gusman Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.68119240114	
CAPÍTULO 15	153
RELIGIÃO E ESFERA PÚBLICA: OS RISCOS DA VIOLAÇÃO DE NEUTRALIDADE DO ESTADO LAICO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240115	
CAPÍTULO 16	160
RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE ENTRE OS IMIGRANTES JAPONESES NO RIO GRANDE DO SUL: DIÁLOGOS CULTURAIS ENTRE BRASIL E JAPÃO	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.68119240116	
CAPÍTULO 17	167
SUJEITO DE DIREITOS HUMANOS, SUJEITO DA CULTURA HEBRAICA E SUJEITO EM ALAIN TOURAINE: INTERFACES	
Noli Bernardo Hahn,	
DOI 10.22533/at.ed.68119240117	

CAPÍTULO 18	180
UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR	
Rômulo Anderson Matias Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.68119240118	
SOBRE OS ORGANIZADORES	186

A IMPRUDÊNCIA DE MOISÉS, UMA REFLEXÃO A PARTIR DE NÚMEROS 20.2-13

Reginaldo Pereira de Moraes

Faculdades Batista do Paraná, PPG Teologia
(Mestrado Profissional)
Curitiba – Paraná

RESUMO: Este artigo analisa o texto de Números 20.2-13, com o objetivo de vislumbrar qual teria sido a atitude que Moisés praticou, que o impediu de entrar na Terra Prometida. Isto se faz necessário, em especial, devido à grande quantidade de respostas, que forçam, e muito, a interpretação do texto. Aqui não serão gastos esforços no sentido de se verificar sobre a realidade ou não do fato. Parte-se do texto final porque é a partir dele que muitas igrejas e pessoas têm pronunciado um número enorme de explicações um tanto destoante de uma hermenêutica mais coerente. Para isto, procurar-se-á respostas, dialogando com a perícopes de Êxodo 17.1-7 e a declaração do salmista em Salmos 106.32,33. A metodologia aplicada aqui é o estudo exegetico, sob o viés da escola histórico gramatical, com apontamentos hermenêuticos ao fim do trabalho, numa tentativa de apontar algumas aplicações aos dias de hoje. Curiosamente, o pecado que trouxe complicações à figura de Moisés, tem

sido tão comum e recorrente aos dias de hoje.¹

PALAVRAS-CHAVE: Rebelião, Águas da rocha, Meribá.

ABSTRACT: This article analyzes the text of Numbers 20: 2-13, with the purpose of glimpsing what would have been the attitude that Moses practiced, which prevented him from entering the Promised Land. This is necessary, in particular, because of the large number of responses, which force the interpretation of the text. Here we will not try to verify the reality or not of the fact. It starts from the final text because it is from it that many churches and people have uttered a huge number of somewhat dissonant explanations of a more coherent hermeneutics. For this, answers will be sought, dialoguing with the pericope of Exodus 17: 1-7 and the psalmist's statement in Psalms 106: 32-33. The methodology applied here is the exegetical study, under the bias of the historical grammar school, with hermeneutical notes at the end of the work, in an attempt to point out some applications to the present day. Curiously, the sin that has brought complications to the figure of Moses has been so common and recurrent to the present day.

KEYWORDS: Rebellion, Waters of the Rock,

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos e inicialmente foi publicado nos Anais do 28º Congresso Internacional da SOTER: religião e espaço público: cenários contemporâneos, 2015, Belo Horizonte. 28º Congresso Internacional da SOTER: religião e espaço público: cenários contemporâneos, 2015. v. 28. p. 176-186.

Meribah.

1 | INTRODUÇÃO

Mesmo com os constantes avanços no que diz respeito às regras da hermenêutica, infelizmente, não são poucas as pessoas que ainda insistem em fazer leituras superficiais, apegando-se a significados que o texto nunca ousou dizer. Curiosamente alguns até usam o hebraico, de forma distorcida, como “bengala”. Quando isto ocorre, um ouvinte despercebido ou desconhecedor das línguas originais acaba por aceitar o que tal intérprete disse, afinal, foi citado do hebraico. Numa investida contra um destes maus usos, pretende-se aqui, desvendar o que de fato ocorreu, a ponto de impedir que o grande libertador Moisés entrasse na terra prometida, juntamente com seus conterrâneos.

Talvez você já esteja até lembrando algumas respostas que já deve ter escutado por aí: “Foi falta de fé!”, “Foi porque Moisés xingou o povo, a menina dos olhos de Deus!”, “Foi porque ele pegou a vara florida da Arão que estava na arca da aliança, e bateu na rocha, estragando-a”, “Foi porque Moisés crucificou a Cristo duas vezes!”, entre outras, menos criativas, ouvidas por este pesquisador. Enfim, esta pesquisa tem o intuito de mostrar a realidade a fim de ajudar as pessoas a se libertarem destes tipos de interpretações equivocadas e, às vezes, até cômicas.

Para tal, num primeiro momento será necessário delimitar o texto de estudo, seguido de sua tradução. A partir daí, serão analisadas as expressões mais significativas encontradas na perícopes, para então fazer uma síntese geral, chamada aqui de releitura, finalizando com algumas lições práticas, de cunho aplicativas aos dias de hoje. Afinal, de nada adianta o estudo de qualquer texto, se não tiver alguma utilidade ou relevância aos ouvintes atuais.

2 | APROXIMAÇÃO AO TEXTO DE NÚMEROS 20.2-13

A princípio, a delimitação do texto de interesse, deu-se pela divisão dos capítulos, a qual foi perfeita; respeitando principalmente o estilo literário; pois Nm 19 mostra lahweh dando instruções para Moisés e Aarão quanto à purificação dos impuros; e o capítulo 20 inicia uma narrativa histórica, mencionando quatro fatos importantes e distintos entre si, todavia acontecidos no deserto de Cades. O texto relacionado ao pecado de Moisés é dos versos 2 ao 13, o qual será o foco desta análise, visto que os vinte e nove versículos do capítulo 20 apresentam muitas perícopes com enfoques diferenciados. Por isso decidiu-se restringir tal estudo apenas a estes dozes versículos, iniciais, por mostrarem uma correlação contextual. Todavia, a tradução será apenas do versículo seis ao treze, por tratar com maior profundidade o problema a ser analisado

e ainda, por conter uma certa unidade, podendo, inclusive, ser considerado uma sub-perícope. O verso seis foi escolhido por iniciar o encontro de Moisés com Iahweh; enquanto que o treze (escolhido para término) deu-se pela mudança abrupta que o texto faz no verso quatorze, deixando clara tal mudança de assunto.

3 | TRADUÇÃO E CONSIDERAÇÕES GERAIS ACERCA DE NÚMEROS 20.6-13:

A Tradução aqui utilizada foi elaborada a partir do texto hebraico da Bíblia Stuttgartensia (1997):

v.6 - Moisés e Aarão saíram da presença do povo e foram até a entrada do tabernáculo, e prostrando-se, a glória de Iahweh manifestou-se a eles. v.7 - Então, Iahweh falou a Moisés, dizendo: v.8 - Pegues o cajado e reúnas o povo. Então tu e teu irmão Aarão falareis para a rocha diante deles e ela dará as suas águas, de fato farás sair do rochedo água para o povo e proverás de água tanto o povo, como seus animais. v.9 - Então, Moisés pegou o cajado que esteve diante de Iahweh, conforme este lhe ordenara; v.10 - E juntamente com Aarão, reuniu o povo diante do rochedo e disse-lhes: "Ouçam-me, povo obstinado; porventura produziremos água para vocês dessa rocha?". v.11 - E levantando Moisés sua mão, bateu duas vezes na rocha com seu cajado; e dela começou a verter água em abundância, saciando o povo e seu rebanho. v.12 - Porém, disse Iahweh para Moisés e Aarão: "sereis castigados por não me santificarem perante os filhos de Israel. Assim, não conduzireis este povo para a terra que lhes tenho dado". v.13 - Estas são as Águas da Contenda, onde os filhos de Israel foram queixosos; mas, Iahweh santificou-se neles. (tradução nossa)

Aparentemente, é de consenso geral entre os pesquisadores, de que esta narrativa corresponda ao período da segunda investida do povo de Israel de tomar posse da terra que o Senhor havia lhes dado. Embora alguns defendam que o povo chegou em Cades apenas uma vez enquanto outros dizem que foram duas, não há dúvida de que este acontecimento tenha ocorrido em Cades e pouco antes da tomada da Terra prometida, isto é, cerca de trinta e oito anos após Moisés ter mandado aqueles doze espias. Convém lembrar que este episódio é bem distinto daquele narrado em Êxodo 17, o qual parece datar de poucos meses após a saída do Egito, como será mais bem analisado adiante.

Quanto ao período da escrita, nada pode ser afirmado com absoluta certeza; pois ao considerar sua autoria a Moisés (o que faz a tradição judaica) poderia se dizer que o livro de Números fora escrito entre os séculos XV e XIII a.C. Porém, ao se levar em consideração as teorias das Fontes pode-se datar quase qualquer parte do Pentateuco em qualquer período entre a época de Moisés e a de Ezequiel." (RENDTORFF Apud WENHAN, 1985, p.27)

Quanto a estas fontes, Wenhan defende que Números 20,1b e 4 pertencem à fonte J ou E, enquanto que 20.12 enquadra-se na fonte P. (WENHAN, 1985, p.22,26). Em contrapartida, a Bíblia de Jerusalém, em seu comentário de rodapé, atribui todo o

trecho (20.1-13) à fonte P. Assim, ao considerar as datas das fontes: J em 900 a.C., e P 450 a.C. (BROADMAN, 1990, p.100-102), ou ainda, a fonte J no século X, e a P no século VI (WENHAN, 1985, p.24) pode-se concluir que o texto selecionado por esta pesquisa possui uma história mais antiga do que o seu relato, pelo menos em sua elaboração final.

Segundo o primeiro versículo de números, o povo estava no deserto de Zim em Cades. Embora pareça óbvio, principalmente pela raiz dos vocábulos, não são poucos os que acreditam referirem-se ao mesmo episódio relatado em Êxodo 17. Isto porque, tomam por base apenas as semelhanças existentes entre ambos os textos, tais como: a) O fato de não haver água; b) O povo contendeu com Moisés; c) Nos dois relatos há a indagação. “Por que nos fizestes subir do Egito para que morramos aqui, nós e nossos animais”?; d) Deus manda pegar a vara; e) Sai água da rocha; e f) O nome Meribá. (BROADMAN, 1990, p. 166)

Mas, ao considerar as diferenças: a) O nome de cada deserto: Êxodo refere-se ao deserto de Sim (Syin) e diz que ele está em Refidim, enquanto que Números menciona o deserto de Zim (Tsin) em Cades; b) A localização: um aconteceu na saída do Egito, o outro episódio é relatado antes de entrarem em Canaã; c) A maneira de dirigir-se a Deus: em Êxodo, Moisés clama a Deus, enquanto que em Números Moisés e Aarão apenas se prostram diante dele; d) No primeiro Deus fala somente a Moisés, no outro fala a ambos; e) Em Êxodo Moisés leva os anciãos, em números convoca todo o povo; f) Em um, Deus manda ferir a rocha, noutro manda apenas falar com ela; e g) Êxodo não menciona qualquer irregularidade de Moisés, enquanto Números enfatiza, seu pecado e castigo. Fica bem evidente a existência de dois relatos diferentes, narrando fatos distintos entre si.

Toda essa argumentação fez-se necessária a fim de chegar-se a uma maior proximidade quanto à sua localização; pois se fosse um mesmo episódio, tal delimitação seria impossível, visto a possibilidade de enquadrá-lo em qualquer lugar entre o Egito (logo após a travessia do Mar Vermelho) e Canaã. Mas, a localização do deserto de Zim, é de consenso geral que seja ao sul de Canaã, à oeste da extremidade sul do Mar Morto. Todavia uma localização mais precisa tem sido buscada e questionada pela maioria dos pesquisadores modernos; sendo a maioria das opiniões recentes, favoráveis à localidade de Ain Qedeis (Cades) no lado egípcio da fronteira península do Sinai, ou então em sua vizinhança. (CHAMPLIN, 1995, p. 895). Ele menciona ainda, que apesar de ser um deserto tão árido, com superfícies íngremes e repletas de crateras erosivas, sempre houve ocupação humana, embora rarefeita. (CHAMPLIN, 1995, p. 895)

Não obstante as diferenças ou teorias já salientadas anteriormente quanto às fontes, não há divergência quanto ao estilo literário nesse trecho; todavia, como menciona Mesquita, o estilo histórico abordado pelo livro de Números, não se preocupa com a cronologia exata, mas ao que parece, é um compêndio dos vários acontecimentos históricos, narrados conforme a sua importância. (MESQUITA, 1979,

p. 45)

Embora seja claro esse relato histórico no texto em questão, todo o capítulo 20 parece um tanto melancólico, para não usar a expressão fúnebre; isto é, os quatro enfoques principais são todos extremamente trágicos: a condenação de Moisés e Aarão, a morte de Miriã, a condenação mortal dos líderes do povo e a morte de Aarão. Sem sombra de dúvida, é o capítulo mais triste de todo o livro.

4 | ANÁLISE DE PALAVRAS E EXPRESSÕES IMPORTANTES

No verso 3 há a expressão “pereceram nossos irmãos perante o Senhor” demonstrando que, para a teologia da época, lahweh é quem tinha o domínio sobre a vida e a morte;

No verso 6 é mencionado que Moisés e Aarão deixaram a Assembleia para buscar ao Senhor; segundo alguns autores, isso deu-se com uma certa preocupação de ambos em salvaguardar suas vidas mediante a turba; todavia só pelo texto e sua contextura, não é possível fazer-se tal afirmação. E quanto à glória de lahweh, foi Ele quem se fez presente, manifestando seu poder.

Já no versículo 7, o que salta aos olhos é o uso do Piel quando lahweh fala com Moisés; todavia não encontrou-se uma única explicação esclarecida para o caso.

Outro aspecto (encontrado nos versos de 6-8) é que somente Moisés e Aarão é que sabiam todo o processo para a produção de água.

No verso 8, os verbos Pegar e Reunir estão conjugados no Imperativo e no singular (fazendo referência apenas a Moisés), enquanto que o Falar com a Rocha está no Piel e na segunda do plural (referindo-se a Moisés e Aarão); chama ainda a atenção, a ordem de Deus “farás produzir água desse rochedo”, pois o verbo produzir ou tirar (Yatsa) e o verbo dar de beber (Hishqiyta), estão no Hifil e na segunda pessoa; assim, parece que Deus estaria dizendo que a causa do milagre seria Moisés. Também não se encontrou nada que pudesse elucidar tal problema. Todavia, acredita-se que seja uma maneira de lahweh estar provando a Moisés; pois em outros seis milagres importantes,² traduzidos especialmente na tentativa de lançar alguma luz sobre o assunto, nenhum enfatiza o uso do Hifil referindo-se a causa do milagre em si, e quando o faz, atribui a lahweh tão somente.

Sobre “o cajado diante da face de lahweh”, mencionado no verso 9, embora alguns autores sejam enfáticos em determinar que este era aquele de Aarão e que florescera a pouco tempo atrás, outros são mais flexíveis quanto a essa questão; pois como afirmam Mesquita e Broadman, o único fato incisivo e claro é que o cajado

2 Tais traduções referem-se a textos de Êxodo, que aparentemente poderiam ter alguma similaridade, mesmo que pequena, com a pesquisa em questão. Os relatos de milagres traduzidos foram: As águas do Egito transformando-se em sangue (Ex 7.19s); a praga dos piolhos (Ex 8.16s); A praga da saraiva (Ex 9.22s); a praga das trevas (Ex 10.21s); a travessia do Mar Vermelho (Ex 14.16,21) e as águas amargas que tornaram-se doce (Ex 15.25).

estava diante de lahweh e que em capítulos anteriores, o cajado florido fora colocado lá. (MESQUITA, 1979 e BROADMAN, 1990)

Todavia isso não serve como prova cabal de ambos aspectos se referirem ao mesmo cajado. Pois o cajado que florescera, em vez de ser aquele que os acompanhava desde o Egito, foi escolhido pela tribo de Levi, tendo o nome de Aarão escrito nele; ou ainda, não pode-se descartar a possibilidade de que aquele cajado com o qual Moisés fez os milagres anteriormente, poderia ser guardado diante de lahweh, devido a seu simbolismo ou importância. Em suma, há grandes controvérsias quanto a que cajado de fato, Deus referia-se.

Embora não sejam poucos os autores a focalizar apenas o diálogo de Moisés ao povo (v.10), no momento em que ele repreende-os; Broadman (1990, p. 166) também focaliza a pergunta feita por Moisés, embora não dê o sentido exato de tal interpretação, ele menciona que talvez Moisés estaria dizendo: “podemos tirar?” ou “devemos tirar?”. Ao que parece o peso maior da expressão mosaica recai, de fato, sobre a última parte, pois o salmista diz que seu erro foi falar “imprudently com seus lábios”³ (Sl 106.33).

Tal imprudência não poderia referir-se ao simples fato dele ter chamado o povo de rebeldes, visto que Dt 9:6,7 e 24, menciona-o chamando o povo desta forma e ali não fora repreendido por isso. Assim, ao que parece, a interpretação mais coerente seria dizer que ele foi temerário ao formular sua pergunta: “da parte desta rocha, faremos produzir (Hifil) para vós águas?” Com esta pergunta, passou a ideia de que ele é quem estaria realizando o milagre e não lahweh.

Quanto à menção “fez golpear a rocha com o cajado dele duas vezes” (v.11), muitos tem atribuído como sendo a principal causa do pecado de Moisés e seu irmão, pois Deus mandara falar e eles bateram. No entanto, em Ex 7:19s, relata-se a transformação das águas egípcias em sangue, e lá, Deus manda Moisés apenas levantar o braço com a vara, porém, além de levantar a vara, ele golpeia as águas (no hebraico, o mesmo verbo é usado em ambos os casos e com a mesma declinação). E lá, sua suposta “desobediência” não foi sequer mencionada. Faz-se necessário dizer também, embora com certa relutância, que seria inadmissível a ideia de que o pecado foi ferir Cristo (a Rocha) duas vezes, como fazem alguns pregadores. Pois, a despeito da possibilidade deste fato poder ser uma tipologia, seria imprudente supor que Deus castigaria alguém usando uma revelação que seria feita 1500 anos mais tarde.

De Vaux, parte de uma interpretação um pouco mais equilibrada, ao sugerir que teria havido um sacrilégio da parte de Moisés, pois a rocha representaria Deus (DE VAUX, p.223, Apud WENHAN, 2006, p.158). Todavia, é de se estranhar que naquele momento histórico, já se conhecesse ou usasse a metáfora da rocha para referir-se à Deus.

Outro aspecto interessante, ainda no verso 11, é a menção no original “Moisés...

3 Falar imprudentemente com os lábios é uma tradução comum utilizada por várias versões bíblicas, para a tradução ultra literal “falou com os lábios”.

fez golpear... o cajado dele”, a qual volta a polemizar quanto a possessão do cajado, era de Moisés ou de Aarão? (já mencionado anteriormente). Porém, algo novo para discussão é que: por mais bruto, tolo ou insensível que Moisés pudesse ser, não usaria um cajado com flores e frutos, que havia sido guardado como testemunho perpétuo para o povo, para bater numa pedra.

No verso 12, é usada uma expressão, no mínimo curiosa: “Mas disse lahweh para Moisés e Aarão”; pois embora, todos os autores são concordantes em atribuir o pecado a ambos os irmãos, ninguém se preocupa em explicar, pelo menos de maneira mais objetiva, o porquê de Aarão ter sido penalizado juntamente com Moisés. Isto porque, em Nm 12:6-8, após Aarão e Miriã, tentaram repreender a Moisés, Deus deixa bem claro que aos outros profetas, se revelaria através de sonhos e visão, mas quanto a Moisés, Ele falava face a face. Deixando a entender que: Aarão, Miriã ou qualquer outro, não teriam autoridade para “ajudar” a Moisés a entender os propósitos divinos e principalmente falar contra ele.

Assim, o fato de Aarão não ter observado o erro de Moisés ou ainda tê-lo visto mas, se calado; leva-se a crer que: o pecado, deixaria de ser um ato em específico (principalmente pelo fato de que Moisés foi quem falou irrefletidamente ao povo e bateu na rocha), para ser uma atitude de espírito, isto é, para o que pairava em seus corações. Desta forma, após as palavras de Moisés, Aarão poderia ter tido o mesmo sentimento ou desejo que ele, comungado assim de seu pecado e sua consequência. Pois de outra forma, ou seja, se Aarão achasse que a atitude de Moisés fora inapropriada, não poderia fazer nada. Além de discordar em seu coração; e isso não poderia ser imputado como pecado.

Outro aspecto de vital importância ainda neste versículo 12 é a explicação de Deus para a causa do pecado; entretanto, essa é a parte mais truncada e complicada de todo o texto analisado. Por isso, sobre a menção “não fizeste crer para fazer consagrar a mim”, surgem as mais variadas teorias ou divagações, tais como: “descrença na possibilidade da rocha jorrar água... negando o passado” (MESQUITA, 1979, p.52s), “descrença que o mero ato de falar à rocha, faria sair água” (CHAMPLIN, 1995, p.681), “negligência da possibilidade de chamar a atenção para a santidade de Deus” (BROADMAN, p. 167).

Ao que parece, pela conjugação, os dois verbos estão interligados, não sendo possível imaginar sua distinção. Desta forma, “não fizeste crer” não poderia significar dúvida quanto a probabilidade de uma rocha produzir água, visto já ter acontecido uma vez e ainda se tal incredulidade existisse de fato, Moisés não teria levado a assembleia em volta da pedra. Também não poderia indicar alguma superstição ligada à vara, isto é, crer que se ela não tocasse, o milagre não se concretizaria; pois, Moisés realizara alguns milagres independentemente de seu cajado (Ex 8:20; 9:3,8; 10:1-3,21; 15:25). Desta forma, não parece muito lógico ou coerente serem usados distintamente. Por isso, crê-se que a interpretação de Broadman condiz melhor com o fato. Assim, a expressão do verso 12: “não fizeste crer para fazer consagrar a mim” poderia ser

melhor entendida como “a negligência em santificar a Deus, devidamente”.

No verso 13, após o milagre, Deus entra em cena para corrigir as palavras irrefletidas de Moisés, tomando para si a glória devida.

Outro dado interessante é que em todo o texto, o uso do Hifil é bastante utilizado, pois dos 28 verbos, 13 estão na forma do Qal e 10 estão no Hifil (e todos referindo-se a Moisés). Todavia, em lugar de lançar luz ao estudo, trouxe ainda maior obscuridade como já mencionado anteriormente, quando trabalhado sobre o verso.

5 | RELEITURA DE NÚMEROS 20.2-13

Cerca de 40 anos havia-se passado desde a saída do Egito sob a Mão forte do Senhor; dentro dos quais, 38 anos foram vividos em peregrinação, como fruto da incredulidade e desobediência do povo. Assim, a maioria do povo descrito no primeiro recenseamento (Nm 1-3) já havia morrido e sido sepultado pelo deserto a fora, e bem poucos ainda estavam vivos. O capítulo 20 de Números inicia mencionando a morte de Miriã, uma grande mulher, dado sua importância e serviço no auxílio a Moisés, no entanto, nada há de referência a não ser que morreu e fora sepultada.

Então, o autor muda o foco e começa a descrever um incidente no qual o povo, ao passar dificuldade pela falta d'água, começa a murmurar e a contender contra seu líder. Todavia, ao que parece, ao autor não tem como único objetivo, descrever o fato histórico, pura e simplesmente; mas também, e talvez principalmente, procurar descrever a causa que teria levado Moisés, o líder daquele povo, a ser punido a não entrar na terra prometida.

Assim, além do trivial: o povo pressiona a Moisés e este busca a Deus que responde ao povo, o autor descreve as orientações divinas a Moisés, menciona o que ele fez ou deixou de fazer, mostra o milagre e ainda as palavras de Deus contra a pecaminosidade de Moisés e de seu irmão Arão. Não obstante sua intenção em esclarecer o assunto, não consegue êxito. Pois, não são poucos os que tentam sem sucesso chegar a uma conclusão absoluta e satisfatória. Por esta razão, procurou-se investigar um pouco mais sobre essa polêmica, tentando responder a seguinte pergunta: “O que Moisés e Aarão fizeram, ou deixaram de fazer, que lhes foi imputado como pecado?”.

O verso 6, mostra uma atitude louvável da parte de ambos, que após ouvirem a turba, buscaram ao Senhor e prostraram-se diante dele. No verso 9, da mesma forma, Moisés age obedientemente às ordens divina. Entretanto, o verso 10 começa por mostrar alguma coisa diferente, sendo vários os que dizem estar aqui uma das causas de tal pecado. O 11 relata uma aparente desobediência, pois Moisés fere a rocha por duas vezes em vez de falar a ela. E o verso 12, mostra Deus repreendendo-os.

Em síntese, pode-se apontar seis possibilidades para a causa tal falha, possibilidade essas, distintas ou não entre si, ou seja, há quem defenda apenas um

dos motivos apresentado sem detrimento dos outros, enquanto que outros adotam um determinado conjunto deles. Por isso, surgem tantas conjecturas sobre a possibilidade do erro de Moisés: 1) Mau humor ou ira, ao chamar a atenção do povo em vez de apenas satisfazê-los; 2) Incredulidade em tal milagre; 3) Superstição de que a vara tivesse poder; 4) Ferir Cristo, a rocha; 5) Desobediência ao ferir em vez de falar; e 6) Sugestão de que o milagre dependia de seu poder e não de Deus, não santificando assim a lahweh.

Tendo sido revelado e comentado as cinco primeiras descrições no decorrer da pesquisa, será discutido a possibilidade nº 6, quanto ao ato da não santificação de lahweh e como isso aconteceu. Tomando Dt 32:51-52 que menciona "... porquanto pecastes contra mim (...) pois não me santificastes"... , Nm 20:24 "... fostes rebeldes contra a minha palavra..."; Nm 27:14 "...fostes rebeldes à minha palavra, não me santificando..." e ainda próprio Nm 20:12 "... não me crestes a mim, para santificar...". Parece ser coerente deduzir que: o pecado foi de rebeldia (ou desobediência) em santificar a Deus.

Desta forma, sendo o ato de não glorificar a lahweh a causa do pecado, este não poderia estar vinculado ao ferir ou não ferir a rocha; pois sendo Moisés e Aarão os únicos que conheciam toda instrução, não importava se eles apenas dissessem, batesse uma ou dez vezes ou ainda virassem cambalhotas; bastava a água começar a jorrar, que Deus seria exaltado. Também não deveria estar ligado ao fato da rocha ser Cristo, pois, se o povo não conhecia a Revelação encarnada, também não poderia ver na rocha ferida, seu Deus ultrajado.

Então, a que se refere o ato de santificar? Como mencionado no parágrafo anterior, o povo desconhecia o processo, somando-se a isso, o fato de que o milagre fora realizado e que Deus não fora glorificado, surgirá uma conclusão básica e objetiva, a qual deve ter estado na mente do povo: a autoria do milagre. Quem poderia ser, se não a dupla dinâmica? Voltando a seriedade dos fatos, ao que parece, a maneira pela qual Moisés tomou a glória para si, foi através de sua pergunta ao povo: "Porventura, tiraremos água desta rocha para vós?". Isto induz a uma resposta negativa e assim, quando começou a verter após ele ter ferido a rocha, é de se deduzir que o povo tenha concluído que ele é quem tinha o poder para tal feito. Parecendo condizer com a interpretação do salmista, em Sl 106:32 que diz: "e ele falou imprudentemente com seus lábios".

Tendo visto a causa (não glorificar a lahweh) e a maneira (falar irrefletidamente, enaltecendo a si próprio perante o povo), faz-se necessário ainda, analisar o que Deus fez após tal pecado. Quanto a isso, o texto é um pouco mais lúcido, basta apenas uma leitura rápida para ver que lahweh puniu a Moisés e Aarão, provavelmente diante do povo, e ainda que ele mesmo santificou-se, isto é, tomou a glória devida ao seu Nome. O extraordinário nisso tudo é que, o texto deixa a distinção e ao mesmo tempo interação entre o Governo de Deus e sua graça, como menciona Mackintosh (1979): "a graça perdoadora e abençoadora; mas o governo segue o seu curso".

Ainda, segundo Wenhan, “quando homens impuros se aproximam de Deus, ele se santifica mediante juízo imediato ou adiado” (1985, p. 158). Por isso, ao contrário de muitos pecadores que foram fulminados pela ira divina, sendo queimados, destruídos, entregues às pragas, engolidos vivos pela terra, entre outros, Deus castiga a Moisés não lhe permitindo entrar na terra prometida. Alguém poderia simplesmente exclamar. “Mas, só isso”? Talvez, numa leitura rápida até possa ser, todavia, quando se analisa com calma, pode-se observar que foi um severo castigo para alguém que estava trabalhando e se preparando, durante os últimos 40 anos de sua vida.

Conclui-se, portanto, resumindo-se os acontecimentos aqui narrados. Após a morte de Miriã, o povo reclama por água. Então Moisés e Aarão buscam resposta em Deus, que prontamente os atende, manifestando-lhes sua glória. Todavia, após os primeiros passos de obediência, Moisés e Aarão fazem com que o povo não glorifique a Deus através de uma pergunta imprudente, fazendo-os voltarem sua atenção para si. Por isso, mesmo realizando o milagre, Deus não deixa de mostrar sua grandeza, através da dura sentença outorgada a Moisés e seu irmão; mostrando, ao mesmo tempo graça e justiça.

6 | APLICAÇÃO PARA OS DIAS ATUAIS

Seguindo a sugestão de Wegner (2005, p. 312), uma exegese não pode ser concluída sem uma tentativa de trazer respostas ou luz, a três aspectos dos dias de hoje: o pessoal, o eclesial e o social. Portanto, numa tentativa de se trazer alguns aprendizados para a atualidade, pode-se dizer que:

Sob a ótica pessoal, o texto transmite a ideia de que Deus atende ao pedido do seu povo, pois ele é o sustentador de todas as coisas; não importa o tamanho ou tempo de sua tribulação, é só ir a Ele, que Ele ouvirá. Mesmo que o deserto da vida seja difícil, ou ainda, mesmo que esteja nele há muito tempo, não se deve permitir que sua aridez, influencie o relacionamento com Deus; pois, mesmo se parecer que não há saída e só seja visto desgraça, morte e destruição, Deus é a fonte do refrigério, Deus pode atender;

Dentro do viés eclesial, a perícopes é clara em mostrar que mesmo alguém tão importante como Moisés, também pode cair (KING, 1969, p. 116). Principalmente o líder precisa estar cada vez mais em intimidade com Deus, pois um de seus pecados, pode trazer grandes e avassaladoras consequências tanto para si quanto, para os seus liderados. Por esta razão uma grande lição para a liderança, com este texto, é nunca esquecer do seu devido lugar diante de Deus e sua obra;

Outro ensino, bastante singular: nem sempre a resposta de uma oração tem a aprovação divina; ou seja, vitórias e sucessos não são sinônimos determinantes da graça divina na vida de alguém; assim, uma oração pode até ser atendida, não mediante seu propósito, mas mediante as bênçãos que ela trará às outras pessoas,

segundo a ótica divina.

Quanto a uma perspectiva social, o versículo 2 tem uma expressão um tanto negativa: “se uniram contra Moisés e Aarão”. Levando-se a concluir: como é fácil unir-se para o mal, isto é, inúmeros são os caos ou as pessoas que não se envolvem em absolutamente nada de útil, mas para intriga ou confusão, estão sempre prontas ou dispostas, até deixam suas diferenças de lado. Não se deve permitir que tal sentimento seja armazenado no coração, mesmo quando as situações forem desfavoráveis.

Deus não se deixa escarnecer, por mais banal que a atitude de alguém possa parecer, se esta não condizer com Seus atributos e caráter, certamente receberá a recompensa ou os frutos dessa ação;

Outro ensinamento, muito importante para os dias de hoje, Deus tem seu tempo de juízo. Infelizmente é bastante comum ouvir-se reclamações de que fulano ou beltrano são isso ou fazem aquilo e não acontece nada. Como foi visto, Deus tem o seu método disciplinar, que às vezes, foge do jeito de pensar ou agir humano nos dias atuais. Mas, que acima de tudo, julga e pune os imprudentes.

REFERÊNCIAS

BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras: Gênesis- Josué**. São Paulo: Vida Nova, 1992.

BÍBLIA sagrada. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 1997. ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm; SCHENKER, Adrian. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. verbesserte Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1997.

BROADMAN. **Comentário Bíblico Broadman: Levítico- Rute**. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo: Volume I**, São Paulo: Candeia, 1995.

DAVIDSON, Benjamin. **The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon**. EUA: Hendrickson, 1993.

DAVIS, Jonh D. **Dicionário da Bíblia**. Rio de Janeiro: JUERP e Candeia, 1996.

HARRIS, Laird R. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KING, Philip J. **Conoce La Biblia: Antiguo Testamento**. El libro de Los Números. Traducción de José Maria Gondra. Santander: Sal Terrae, 1969.

MACKINTOSH, C.H. **Estudo Sobre o Livro de Números**. Lisboa: Minerva, 1979.

MESQUITA, Antônio Neves de. **Estudo nos Livros de Números e Deuteronômio**. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

PALLOTTI, Ed. **Dicionário Hebraico- Português e Aramaico- Português**. Santa Maria: Sinodal e Vozes, 1996.

PLAMPLIN, Richard T. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. Curitiba: Seminário Teológico Batista do Paraná, 1997.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

WENHAN, Gordon J. **Números: Interpretação e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão e Vida Nova, 1985.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-068-1

